

ISSN 1676-0387

JUNG & CORPO

REVISTA DO CURSO DE PSICOTERAPIA DE ORIENTAÇÃO JUNGUIANA COLIGADA A TÉCNICAS CORPORAIS
ANO VIII - Nº 8 - 2008



Informações bibliográficas:

REVISTA DO CURSO DE PSICOTERAPIA DE ORIENTAÇÃO JUNGUIANA
COLIGADA A TÉCNICAS CORPORAIS - ANO VIII – No. 8 – 2008.

Revista Jung & Corpo

ISSN 1676-0387

Editoras Responsáveis:

Maria Helena R. Mandacarú Guerra.

Neusa Maria Lopes Sauaia.

Projeto Gráfico e diagramação

Wellington Leardini – Secretaria – Instituto Sedes Sapientiae

Site: <http://www.sedes.com.br>

E-mail: sedes@sedes.org.br

Fotolito e Impressão: JK Gráfica e Editora

Direitos de cópia e publicação reservados.

JUNG E ELIADE: A ESCATOLOGIA, A COSMOGONIA E A QUESTÃO DO TEMPO PARA O *HOMO RELIGIOSUS*.

*Estela Noronha,
Renato Pinto de Almeida Junior.¹*

Introdução:

O mito é anterior ao rito; ele é, primitivamente, uma tentativa de explicação dos fenômenos da natureza, uma primeira cosmogonia, e o rito viria depois, moldando-se na sua estrutura, sobre os temas míticos já preexistentes.

Roger Bastide²

Os mitos de criação conhecidos como cosmogônicos e os mitos dos “fins últimos” ou do caos, intitulados escatológicos, são impregnados de símbolos e imagens religiosas. Habitantes do inconsciente coletivo desde os primórdios de nossa existência são eles que dão sentido a vida. Trazem em seu bojo a perceptiva de um “sempre recomeço”, re-significando e regenerando a realidade humana. E, quando tratamos de temas como destruição e regeneração, nos lembramos do elemento água, que tudo inunda, mas que também tudo germina.

Sendo assim, o artigo abordará a questão da criação e do caos através do significado dos mitos aquáticos, da religiosidade que sempre cerca a temática, e da questão do tempo que dá forma as diferentes crenças humanas.

O mito para o Homo Religiosus segundo Eliade e Jung.

A palavra “Mito” tem múltiplos significados. Não são apenas os psicólogos que se ocuparam de revelar e esclarecer a verdadeira função dos mitos, mas, teólogos, filósofos, antropólogos, sociólogos, literatos, folcloristas e historiados das religiões debruçaram longamente sobre o tema trazendo para o co-

¹ Estela Noronha (estelapsico@terra.com.br), psicóloga e Renato Pinto de Almeida Junior (renatomkts@uol.com.br), administrador, são mestres em Ciências da Religião e atualmente fazem parte do Grupo de Estudos Religare: pós-modernidade, linguagem e religião, vinculado ao núcleo Pós-Graduação do CRE/PUC-SP/CNPq.

² Roger BASTIDE, *Imagens do Nordeste místico em preto e branco*, p. 111-112.

nhecimento humano os mais diversos enfoques a cerca do assunto. A esse respeito Eliade³ e Jung escreveram:

Eliade:

*O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. O mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmos, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, uma narrativa de “criação”: ele foi traduzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os mitos revelam sua atividade criadora e desvendam a sacralidade de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado no Mundo.*⁴

Segundo Jung⁵, a vivência do mito é a tentativa de conscientização de arquétipos do inconsciente coletivo, quer dizer, um elo entre o consciente e o inconsciente coletivo, bem como as formas através das quais o inconsciente se manifesta. Compreende-se por inconsciente coletivo a herança das vivências das gerações anteriores. Desse modo, o inconsciente coletivo expressaria a identidade de todos os homens, seja qual for à época e o lugar onde tenham vivido.

A este respeito Brandão diz que o mito é a “parole”, a palavra revelada, o dito e como tal, ele precisa ser sentido e vivido antes de ser formulado. *Mito é a palavra, a imagem, o gesto, que circunscreve o acontecimento no coração do homem, emotivo como uma criança, antes de fixar-se como narrativa.*⁶ É sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo.

Do ponto de vista psicológico, o mito é a narrativa de uma criação, a partir do qual algo, que não existia passou a existir devido a tendência inexorável do inconsciente em projetar os conteúdos internos, os desdobramentos invisíveis do inconsciente sobre os fenômenos do mundo exterior. Produzem

³ Mircea ELIADE (1907-1986) foi historiador e romancista romeno naturalizado norte americano. É um dos mais importantes e influentes historiadores e filósofos das religiões da contemporaneidade.

⁴ Mircea ELIADE, *Mito e Realidade*, p. 11.

⁵ Carl. G. JUNG, *O Homem e seus Símbolos*, p 18-104.

⁶ Junito de Sousa BRANDÃO, *Mitologia Grega*, vol. II, p. 36.

símbolos e imagens universais, principalmente aqueles de cunho religioso. São experiências típicas vividas repetidamente durante milênios e pelas quais ainda passamos. A leitura simbólica da realidade, inclusive dos símbolos e dos fenômenos religiosos é entendida como uma função primordial dentro da dinâmica psíquica e, é a viga mestra da obra junguiana. Von Franz⁷, em seu livro *Psicoterapia*, diz que o inconsciente é religioso e matriz de toda experiência primária vivida pelo homem. Embora existam símbolos que sejam individuais, sagrados apenas para aquele determinado indivíduo, na sua grande maioria, os símbolos e as imagens religiosas são universais e coletivos.

A função religiosa ou a religiosidade é um aspecto universal, atemporal e coletivo do ser humano, habitante das profundezas do inconsciente coletivo e que deve dialogar com a consciência, para o benefício do equilíbrio mental e mesmo da saúde fisiológica⁸. A busca individual à origem humana é concebida como uma possibilidade de renovar e regenerar a existência daquele que a empreende.⁹

Sendo assim, o mito para o *Homo Religiosus* de qualquer religião retrata a ancestralidade histórica e divina de seu povo, trazendo como personagens dessa narrativa, entes sobrenaturais, deuses e deusas, fenômenos da natureza, ancestralidade mítica, heróis e heroínas. Por isso, temas mitológicos semelhantes são encontrados nos lugares mais distantes e mais diversos, em sociedades com diferentes graus de evolução. Remontam aos primitivos contadores de história, aos seus sonhos e as emoções¹⁰. Um mito consiste de símbolos que não foram conscientemente inventados¹¹ mas, brotam espontaneamente na psique para dar significado na vida do indivíduo.

Tão longínquo quanto a origem dos arquétipos primordiais está o desejo do indivíduo em conhecer a origem de si, das coisas e do mundo. Temos uma necessidade intrínseca de saber de onde viemos, quem somos e para onde iremos. A vivência dos mitos que expressam uma origem, nos ajuda na ela-

⁷ Marie-Louise VON FRANZ, *Psychotherapy*, p.183.

⁸ Carl Gustav JUNG, *O Homem e seus Símbolos*, p. 52.

⁹ Mircea ELIADE, *Mito e Realidade*, p. 74 e 75.

¹⁰ Carl G. JUNG, *O Homem e seus Símbolos*, p. 90.

¹¹ *Ibid.*, p. 89.

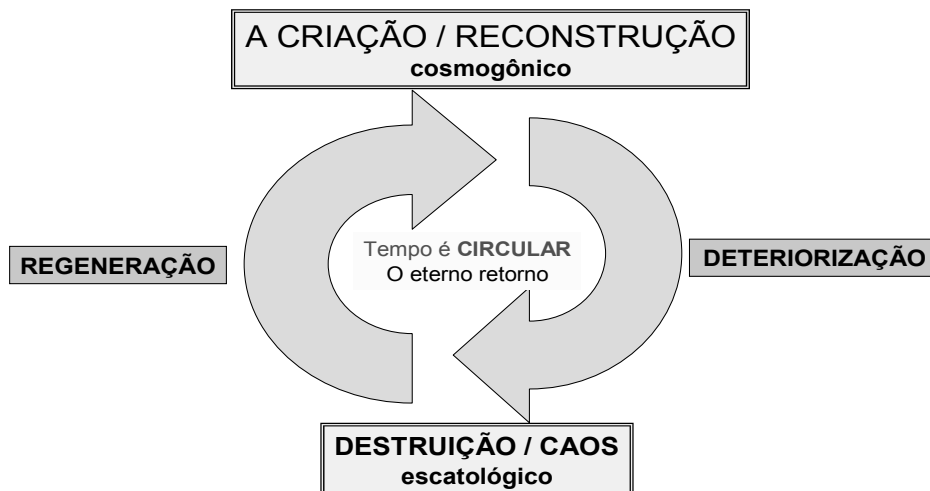
boração desse sentido existencial, a despeito das informações científicas contemporâneas.

Um bom exemplo desta busca, nós encontramos nos mitos cosmogônicos e escatológicos contextualizados nas mais diversas religiões, transmitida através de várias gerações e que relata, respectivamente, a criação, a formação, a origem e a formação do mundo conhecido, bem como, a consumação do tempo e da história, retratando a destruição ou o caos do universo e os fins últimos dos seres humanos. Onde princípio e fim coexistem, numa relação dialética e milenarista cuja idéia resiste na ocorrência de catástrofes que antecedem o fim da ordem vigente e anunciam a instauração de uma era de justiça e felicidade, como mostra o gráfico, a seguir:



Embora a criação e o caos estejam imbricados como princípio, a dinâmica que se constitui dessa relação é entendida de duas formas distintas, dependendo da religiosidade ou crença de cada indivíduo. O tempo, elemento crucial no mito, pode ser compreendido como sendo circular ou linear.

Exemplos mais comuns de “tempo circular”, encontramos nas religiões cíclicas como as ancestrais, as indígenas e as orientais:

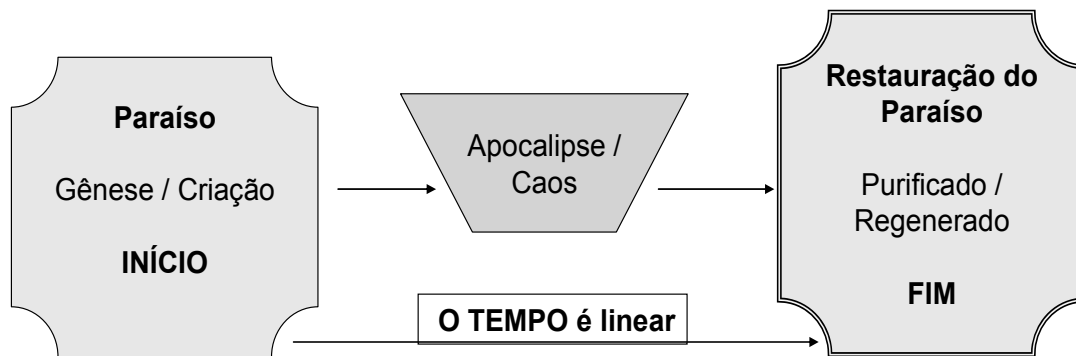


Existe na concepção do tempo circular, a idéia do eterno retorno onde a “degradação” progressiva do Cosmo, leva inexoravelmente, a recriação de um novo Universo. Essa recriação periódica e cíclica tem como objetivo a instauração de uma existência humana sem fim, porém a cada renovação do tempo, ela se torna mais sábia, beatificada, pura e inteligente. Ao contrário do que acontece ao Cristianismo, onde Jesus subiu aos céus para sentar à direita do Pai e sua ressurreição só acontecerá uma vez. Nas religiões cíclicas a morte e a ressurreição de um Deus-Rei é um mito eternamente recorrente¹². É na verdade, a vivência do mito da “perfeição do princípio”, propagado principalmente, nas religiões orientais, também chamadas de religiões cósmicas.¹³

Como concepção de tempo linear, trazemos como exemplo, as religiões judaico-cristãs.

¹² Mircea ELIADE, *Mito e Realidade*, p.109.

¹³ *Ibid.*, p. 67.



Ao contrário do que acontece nas religiões cuja concepção do tempo é circular, aqui o Fim do Mundo será único, assim como a cosmogonia foi única. O Tempo é linear e irreversível. Um Novo Mundo surgirá após a catástrofe e será o mesmo que foi criado por Deus no princípio dos Tempos, porém purificado, regenerado em sua glória primordial. E esse Paraíso terrestre não será mais destruído, não terá mais fim. Nele terão morada somente os eleitos, aqueles que foram julgados pelos seus atos humanos e revelaram os seus valores religiosos, recebendo como recompensa, a eterna beatitude.

Tanto para o Judaísmo como o Cristianismo essa mitologia representa o triunfo da “Santa História”, porque o surgimento do Fim do Mundo implica de algum modo na RESTAURAÇÃO do Paraíso perdido. A diferença entre as religiões está na forma como isto acontecerá. Para os judeus a chegada do Messias anunciará o Fim do Mundo e a restauração do Paraíso. Para os cristãos, o Fim do Mundo precederá a segunda vinda de Cristo e o Juiz Final.¹⁴

Mas, embora exista diferença na concepção do tempo, todas as religiões trazem um elemento em comum que adentra a sua história, a água. Fundamental nos mitos do princípio e do fim, os mitos aquáticos muito nos ajudam a entender a dinâmica que se estabelece na cosmogonia e na escatologia do Universo.

¹⁴ Mircea ELIADE, *Mito e Realidade*, p. 62.

A água como elemento fundamental na recriação e na regeneração.

A água ocupa lugar central em muitos mitos de criação e de destruição, onde o dilúvio é um tema recorrente. Sendo um sinal de germinação e regeneração, após o dilúvio surge sempre uma nova época, com uma nova humanidade. As formas são regeneradas pela reabsorção periódica das águas. Simbolicamente, é no oceano cósmico em que toda a vida surgiu e que deverá se dissolver. E a imersão total da terra nas águas, seguida pela emersão de uma terra virgem simboliza a regressão ao caos e à reconstrução.

Do ponto de vista psicológico é a morada do inconsciente e da profundidade da psique, fonte fecunda da alma que representa o curso da existência humana, as flutuações dos sentimentos e dos sentidos.

As significações simbólicas da água podem se resumir a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação e centro de regenerescência. Temas, estes que se encontram nas mais antigas tradições e formam as mais variadas combinações imaginárias e as mais coerentes também. A noção de águas primordiais, de oceanos das origens, é quase universal.¹⁵

As águas, massa indiferenciada, representam a infinidade dos possíveis, contém todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção. Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se de novo num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova. Fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regenerescência, como no caso do banho, do batismo ou qualquer ato iniciático.¹⁶

A simbologia da água pode ser encontrada em praticamente todas as culturas do mundo. O Rig Veda exalta as águas que trazem vida, força e pureza, tanto no plano espiritual quanto no corporal. Na Ásia, a água é a forma substancial de manifestação, a origem da vida e o elemento da regeneração

¹⁵ Jean CHEVALIER; Alain GHEERBRANT, *Dicionário de Símbolos*, p. 15.

¹⁶ *Ibid.*, p.15-19.

corporal e espiritual. O símbolo da fertilidade, da pureza, da sabedoria, da graça e da virtude. Fluída é sua tendência à dissolução, coagulação é sua tendência a coesão. A água é a matéria-prima, dizem os textos hindus. Vastas e sem margens soam as águas, diz o texto taoísta. A água é o caos, a indistinção primeira, dizem os chineses, pois representa a totalidade de manifestações, se dividem em Águas superiores, que correspondem às possibilidades informais e indeterminadas; e em Águas inferiores, que correspondem às possibilidades formais e determinadas. A Polinésia e a maior parte dos povos austro-asiáticos situam na água o poder cósmico. Em certas alegorias tântricas, a água representa prana, o sopro vital. Da mesma forma, a água é o instrumento da purificação ritual. Nas tradições do Islã, a água também simboliza inúmeras realidades, em uma de suas interpretações o Corão designa a *água-benta* que cai do céu como um dos signos divinos. Ou seja, do Oriente Médio ao Japão, passando pelos ritos dos antigos taoístas, sem esquecer a aspersion dos cristãos, a ablução tem papel essencial.

Nas tradições judaica e cristã, a água simboliza, em primeiro lugar, a origem da criação. O *mem* (M) hebraico simboliza a água sensível, que é a mãe e a matriz (útero). Fonte de todas as coisas manifesta o transcendente e deve ser, em consequência, considerada como uma hierofania, ou seja, uma manifestação que tangencia o sagrado. Todavia, a água, como, aliás, todos os símbolos, pode ser encontrada em situações, que se confrontam em dois planos rigorosamente opostos, embora de nenhum modo irreduzíveis essa ambivalência. A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora. A água simboliza também a água da vida, que se descobre nas trevas e que regenera. A água viva, a água da vida se apresenta como um símbolo cosmogônico. E porque ela cura, purifica e rejuvenesce, conduz ao eterno. Segundo Tertuliano, o Espírito Divino escolheu a água entre os diversos elementos. É para ele que se volta a preferência, pois ela se mostra, desde a origem, como matéria perfeita, fecunda e singela, totalmente transparente. Por sua virtude, a água apaga todas as infrações e todas as máculas. A água do batismo, e só ela, lava os pecados, e só é conferida uma vez, porque faz aceder a um outro estado: o do homem novo.¹⁷ É das águas do rio Jordão que Cristo renasceu.

¹⁷ Jean CHEVALIER; Alain GHEERBRANT, *Dicionário de Símbolos*, p. 18.

Dos símbolos antigos da água, como fonte de fecundação da terra e de seus habitantes, podemos passar aos símbolos analíticos da água, como fonte de fecundação da alma: a ribeira, o rio e o mar representam o curso da existência humana e as flutuações dos desejos e dos sentimentos. A navegação ou o viajar errático dos heróis, na superfície, significa que estão expostos aos perigos da vida, o que é simbolizado nos mitos pelos monstros marinhos que surgem do fundo. A região submarina se torna, dessa forma, símbolo do subconsciente. A perversão se acha, igualmente, figurada pela água misturada a terra, desejo terrestre, ou pela água estagnada que perdeu suas propriedades purificadoras, representada pelo o limo, pela lama e pelo pântano. A água gelada e o gelo exprimem a estagnação no seu mais alto grau, a ausência de calor na alma, a ausência do sentimento vivificante e criador, que é o amor. A água gelada representa a completa estagnação psíquica, a lama morta. A água é o símbolo das energias inconscientes, das virtudes informes da alma e das motivações secretas e desconhecidas.¹⁸

Do caos a criação: a ritualização do mito, durante as festividades do Ano Novo.

Num país sincrético e religioso como o nosso, perguntamos quem neste imenso Brasil, independente de credos, quem não se vestiu de branco no Ano Novo, atirou uma rosa ao mar, pulou sete ondas, acendeu uma vela, ou ainda, proferiu uma oração ou pensamento, mesmo sem saber rezar pedindo para uma “força superior” proteção, amor, saúde, dinheiro e paz?

Um exemplo típico desta ritualização são as festas de Iemanjá¹⁹. Cultuada ao longo de toda costa brasileira, este Orixá também é homenageado nas mais diversas regiões, como em Brasília (DF) onde, existe uma estátua em sua homenagem às margens do lago Paranoá, que recorda a sua associação com a água. Na cidade de Belo Horizonte (MG), a Praça Alberto Dalva Simão

¹⁸ *Ibid.*, p. 21-22.

¹⁹ Reginaldo PRANDI em *O candomblé de São Paulo* afirma que a partir do final dos anos 50, as festas religiosas populares públicas que arregimentam a maior número de devotos e simpatizantes são para a Rainha do Mar.

ou praça de Iemanjá, como é conhecida, é o local em que acontece, no mês de agosto, a purificação da estátua de Iemanjá e rituais em sua homenagem. Assim também acontece no rio Hudson, em Nova York, nos Estados Unidos, quando ocorrem, em simultaneidade com o Brasil, rituais a Senhora dos Mares durante a passagem do ano.²⁰

Algumas datas são dedicadas a sua ritualização. Dentre as mais importantes, podemos destacar três datas: 8 e 31 de dezembro e 2 de fevereiro. Mas, é o dia 31 de dezembro a data em que Iemanjá é mais lembrada e homenageada em todo território nacional, principalmente nas regiões praianas.

A festa é alegre, contagiante, promovida e incentivada pela mídia em geral e pelas prefeituras. Homenagear Iemanjá não é necessariamente sacrificante, o que torna a prática religiosa intrínseca ou por conversão exógena²¹ variantes prováveis e não conflitantes.

Sua comemoração tornou-se, ao mesmo tempo, sagrada e profana. As práticas umbandistas de trajar branco e ir até o mar para fazer o ritual de purificação, com a intenção de deixar para trás o “velho” e os elementos indesejáveis, misturaram-se com formas muito pessoais e sincréticas de ritualização, abraçando religiosos das mais diversas denominações e classe sociais.

Assim, a ritualística a Deusa das Águas e a chegada do Ano Novo é sempre plena em esperanças. Espera-se este momento novo para começar vida nova, estabelecer novas metas e propósitos renovados. É comum as pessoas elaborarem suas listas de bons presságios para o novo ano: renovação de hábitos, de atitudes, como estar mais com a família, reorganizando as horas no trabalho. Embora o tempo seja sempre o mesmo, essa convenção se reveste de importância simbólica, na medida em que, nos condicionando ao início de uma etapa diferente, renovada, sintamo-nos emulados a uma renovação. Por isso, pedimos as ondas de Iemanjá que nos limpe e que nos descarregue, le-

²⁰ Segundo Pedro IWASHITA, *Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo*, p. 39 e 41.

²¹ Edênio VALLE, em seu livro *Psicologia e experiência religiosa*, p. 270 estabelece a diferença entre religiosidade intrínseca e extrínseca. Resumidamente as características da religiosidade intrínseca são o forte compromisso pessoal, universalista, ético e de amor ao próximo. Seria altruísta, humanitária e não-egocêntrica, na qual a fé possui importância central, aceita sem reserva e o credo. Entende como características da religiosidade extrínseca a religião de conveniência, surgida em momentos de crise e necessidade, podendo acontecer por princípios de imitação, contágio ou sugestão.

vando para as profundezas do mar sagrado as aflições do dia-a-dia, dando-nos a oportunidade de sepultar definitivamente aquilo que nos causa dor ou que não desejamos. Ao mesmo tempo, renovamos nossas esperanças para um futuro melhor, mais sereno e menos conflituoso.

Ao concluirmos, lembramos que, sempre que pensamos a respeito da nossa origem ou do Universo, nos reportamos à criação e recriação da nossa existência. A água, princípio que tudo absorve e transforma é rica em símbolos que nos levam ao tema. Na atualidade, verificamos a repetição destes princípios, quando eles são festejados durante as comemorações do Ano Novo. É uma forma simbólica de ritualizarmos os mitos repetidamente, anualmente, sempre com o desejo de viver e elaborar de um futuro melhor seja do ponto de vista da psique, do corpo ou do espírito.

Bibliografia:

- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CAVALCANTE, Tito Rodrigues de Albuquerque. *A Psicologia da Religião de Carl Gustav Jung e a abordagem Religiosa de Mircea Eliade*, 1998. 113p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) PUC. São Paulo.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos símbolos – mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva; Raul de Sá Barbosa; Ângela Melim, Lúcia Melim. 11^a.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- ELIADE, Mircea. *Mito & Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007, 1996.
- _____. *O Mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- JUNG Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- _____. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- IWASHITA, Pedro. *Maria e Iemanjá - análise de um sincretismo*. São Paulo: Paulinas, 1991. (Col. Pesquisa e Projeto).

NORONHA, Estela. *Tenha Fé, Tenha Confiança, Iemanjá é uma Esperança*, 2005. 322p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) PUC. São Paulo.

PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo: HUCITEC-EDUSP, 1991.

VON FRANZ, Marie-Louise. O processo de individuação. In: JUNG, Carl. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____ *Psychotherapy*. Boston: Shamballa, 1993.